

RELATÓRIO DE PESQUISA

# MONUMENTA ANCHIETANA À LUZ DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA: O TRABALHO FILOLÓGICO DE PE. ARMANDO CARDOSO, SJ (1906-2002)

Leonardo Ferreira KALTNER  

Instituto de Letras – Universidade Federal Fluminense (UFF)

## RESUMO

Discuto neste artigo a obra filológica de Armando Cardoso na edição dos *Monumenta Anchieta*, sua pesquisa com manuscritos e outras fontes documentais, o processo de tradução e a organização da coleção. O modelo teórico para essa análise, a partir da Historiografia Linguística, é o proposto por Pierre Swiggers (2013), pelo qual debato a ‘dimensão heurística’ da obra de Anchieta. *Monumenta Anchieta* é uma coleção de obras de S. José de Anchieta, SJ (1534-1597) e estudos biográficos, publicados pelas Edições Loyola no Brasil. A coleção ainda não está concluída e alguns volumes ainda não foram publicados. O missionário jesuíta Anchieta foi um dos humanistas mais representativos do século XVI no Brasil, tendo sido aluno do Real Colégio das Artes de Coimbra em 1548, antes de vir para o Brasil em 1553. Escreveu obras literárias, religiosas e históricas em quatro idiomas: latim, português, espanhol e tupi, língua indígena dos primeiros tempos da colonização no Brasil. Suas obras escritas em latim são a principal fonte para analisar a recepção da Cultura Clássica no pensamento linguístico do Brasil do século XVI. O filólogo brasileiro Armando Cardoso, SJ, que editou e traduziu as obras de Anchieta do latim para o português no século XX, foi um dos estudiosos mais importantes a revelar os textos de Anchieta para os leitores modernos.



## OPEN ACCESS

### EDITADO POR

- Miguel Oliveira, Jr. (UFAL)  
- René Almeida (UFS)

### REVISADO POR

- Sônia Nogueira (UEMASUL)  
- Ronaldo Batista (Mackenzie)

### DATAS

- Recebido: 16/12/2019  
- Aceito: 30/12/2019  
- Publicado: 14/08/2020

### COMO CITAR

KALTNER, Leonardo Ferreira (2020). *Monumenta Anchieta* à luz da Historiografia Linguística: o trabalho filológico de Pe. Armando Cardoso, SJ (1906-2002). *Cadernos de Linguística*, v. 1, n. 2, p. 01-15.

#### ABSTRACT

In this article I discuss Armando Cardoso's philological work in the *Monumenta Anchieta*'s edition, his research with manuscripts and other documentary sources, the translation process and the organization of the collection. The theoretical model for this analysis, based on Linguistic Historiography, is the one proposed by Pierre Swiggers (2013), by which I discuss the 'heuristic dimension' of Anchieta's work. *Monumenta Anchieta* is a collection of works by S. José de Anchieta, SJ (1534-1597) and biographical studies published by Loyola Editions in Brazil. The collection is not yet complete and some volumes have not yet been published. Jesuit missionary Anchieta was one of the most representative humanists of the 16th century in Brazil, having been a student of the Royal College of Arts of Coimbra in 1548, before coming to Brazil in 1553. He wrote literary, religious and historical works in four languages: Latin, Portuguese, Spanish and Tupi, indigenous language of the early days of colonization in Brazil. His works written in Latin are the main source for analyzing the reception of Classical Culture in 16th century Brazilian linguistic thought. Brazilian philologist Armando Cardoso, SJ, who edited and translated Anchieta's works from Latin into Portuguese in the twentieth century, was one of the most important scholars to reveal Anchieta's texts to modern readers.

#### PALAVRAS-CHAVE

*Monumenta Anchieta*; Historiografia Linguística; Latim Renascentista; Pensamento Linguístico.

#### KEYWORDS

*Monumenta Anchieta*; Linguistic Historiography; Renaissance Latin; Linguistic Thought.

## INTRODUÇÃO: *MONUMENTA ANCHIETANA*

O missionário jesuíta José de Anchieta (1534-1597) pode ser considerado um dos fundadores da Literatura Brasileira,<sup>1</sup> entretanto, um dos outros feitos do autor quinhentista é ter sido o primeiro gramático no Brasil. Tendo escrito obras literárias, históricas e catequéticas em quatro línguas: latim, português, espanhol e tupi, sua produção textual é um dos principais registros da literatura brasileira no século XVI, da mesma forma que sua gramática é a pedra angular da Gramaticografia no Brasil quinhentista, o primeiro texto no Brasil com reflexões metalinguísticas. Dessa forma, é autor de interesse para a Historiografia da Linguística para o estudo das relações luso-brasileiras e da recepção do pensamento linguístico europeu renascentista na América portuguesa. No artigo debatemos os *Monumenta Anchieta* no contexto de descrição e análise por uma ‘dimensão heurística’ (SWIGGERS, 2013, p. 44), isto é, em busca de catalogar os textos-fonte para análise do pensamento linguístico anchietano.

Ainda que Anchieta tenha escrito uma obra singular, no entanto, até hoje, ainda não houve uma edição completa e definitiva de suas obras, pois o trabalho filológico de edição e análise linguística é um tema complexo. O principal filólogo que reeditou a obra de Anchieta no século XX foi o jesuíta Armando Cardoso (1906-2002), na coleção de livros intitulada *Monumenta Anchieta*, publicada pelas Edições Loyola no Brasil. A coleção de obras editadas por Cardoso é a principal fonte de estudos contemporâneos da obra de Anchieta. A partir da Historiografia Linguística, podemos tecer algumas considerações sobre o trabalho filológico de Cardoso com as fontes da obra anchietana.

Anchieta escreveu sua poesia novilatina no Brasil como um exercício típico para o estudo do latim clássico, no contexto do pensamento linguístico da Renascença em Portugal. A sua formação humanística no Real Colégio das Artes de Coimbra, entre 1548 e 1551, baseou-se no aprendizado de línguas clássicas, com um elevado grau de proficiência sobretudo em língua latina. Assim, a prática e os exercícios de produzir textos em prosa e em versos em latim podem ser considerados como a última etapa deste modelo de educação linguística, que se baseava no *modus parisiensis*. Dessa forma, os textos escritos em latim que constituem os *Monumenta Anchieta* registram os mais complexos exercícios de aprendizagem do latim na Renascença, registrando o pensamento linguístico de então, com a composição de poemas emulando e imitando os autores clássicos da cultura greco-romana.

<sup>1</sup> “De qualquer maneira, o Poema de Mem de Sá foi a primeira obra de Anchieta impressa, salvo talvez alguma Carta, entre outras, dos missionários do Brasil, e certamente foi o primeiro livro escrito no Brasil dos publicados na Europa. Com razão Anchieta é chamado o fundador ou o iniciador da literatura brasileira” (MOUTINHO, 1999, p. 18).

A poesia novilatina de Anchieta pode ser analisada no contexto cultural do humanismo renascentista em Portugal, na reforma educacional promovida pelo rei D. João III na Universidade de Coimbra, e, finalmente, no contexto da educação jesuítica, como uma política missionária no Brasil do século XVI. A estrutura dos *Monumenta Anchieta* é composta por dezessete livros (ANCHIETA, 1980, p. 2), organizados em uma lista a seguir, com as datas de publicação.

## 1. LISTA DE PUBLICAÇÕES DOS *MONUMENTA ANCHIETANA*:

1. *De Gestis Mendi de Saa* - Poema Épico, 1986;
2. *De Eucharistia et Aliis*, 1975;
3. *Teatro de Anchieta*, 1977;
4. *De Beata Virgine Dei Matre Maria* (dois volumes), 1980;
5. *Lírica Portuguesa e Tupi I e Lírica Espanhola II*, 1984;
6. *Cartas de Anchieta*, 1984;
7. *Sermões de Anchieta*, 1987;
8. *Diálogo da Fé*, 1988;
9. *Textos históricos*, 1989;
10. *Doutrina cristã* (dois volumes), 1992;
11. *Arte gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, 1990;
12. *Anchieta, o Apóstolo do Brasil*, 1980;
13. *Primeiras biografias de José de Anchieta*, 1988;
14. *O nome de Anchieta no Brasil e no mundo*, -;
15. *Processo de canonização - testemunhos seletos*, -;
16. *Anchieta nas Artes*, 1991;
17. *Bibliografia anchietana*,<sup>2</sup> 1999.

Segundo Armando Cardoso, mais da metade dos poemas de Anchieta foi escrito em latim renascentista, o que caracteriza o pensamento linguístico da educação humanística renascentista. Essa produção textual é equivalente aos trabalhos de Virgílio e Ovídio, pelo número de versos. Anchieta escreveu mais de dez mil versos em língua latina, a maioria deles hexâmetros e dísticos elegíacos: “Mais da metade do livro de poemas de Anchieta é escrito em latim: cerca de 10.200 versos, contra cerca de 9.200 em vernácu-

2 Murillo Moutinho publicou em 1999 um livro intitulado *Bibliografia para o IV centenário da morte do Beato José de Anchieta, 1597-1997*, ainda que não tenha sido publicado no projeto editorial elaborado por Armando Cardoso, este trabalho contém o tema e o título do último volume da série.

lo, castelhano e tupi” (ANCHIETA, 1989, v. 2, p. 5). Os poemas novilatinos mais representativos de Anchieta são o poema épico *De Gestis Mendi de Saa* (Os feitos de Mem de Sá) e o poema elegíaco *De Beata Virgine Dei Maria*. Ele também escreveu cartas em latim, como *Epistula quam plurimarum rerum naturalium, quae S. Vicenti (nunc S. Pauli) provinciam incolunt, sistens descriptionem* (Carta que traz a descrição dos diversos elementos naturais que se encontram na província de São Vicente, agora de São Paulo). Entre outras obras, Anchieta escreveu a primeira gramática da língua-geral da costa, a linguagem para estabelecer contato com os povos indígenas do século XVI no Brasil e a política missionária.

No Brasil, no dia 9 de junho, o ‘Dia Nacional de José de Anchieta’ começou a ser celebrado por católicos, por lei federal, desde 1965.<sup>3</sup> Em 1979, o ministro da Educação e Cultura do Brasil publicou uma portaria para editar as obras completas de Anchieta, os *Monumenta Anchieta*.<sup>4</sup> O filólogo Armando Cardoso, o historiador Hélio Viotti e Murillo Moutinho editaram os volumes publicados da coleção, pelas Edições Loyola, durante o século XX, mas a edição de *Monumenta Anchieta* ainda não está de todo completa. Atualmente, Anchieta é considerado padroeiro dos catequistas da Igreja Católica no Brasil.

## 2. A BIOGRAFIA DE ANCHIETA E SUA EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA

José de Anchieta nasceu em 19 de março de 1534, em San Cristóbal da Laguna, nas Ilhas Canárias, que é um arquipélago no Atlântico, pertencente à Espanha. Segundo Hélio Viotti (1980), um de seus mais importantes biógrafos, Anchieta fez seus primeiros estudos em sua cidade natal. Provavelmente estudou na escola dos padres dominicanos, não longe de sua casa, ainda hoje existente, na *Plaza Mayor*, conhecida atualmente como *del Adelantado*. Aos quatorze anos, em 1548, foi enviado por sua mãe para Portugal, com seu irmão mais velho Pedro Nuñez, que queria ser padre. Assim, Anchieta começou a estudar artes liberais no Real Colégio das Artes, junto à Universidade de Coimbra. O Real Colégio das Artes de Coimbra foi fundado pelo rei português Dom João III com excelentes professores, grande maioria formados na tradição humanística francesa. O humanista Diogo de Teive foi um de seus mestres na época:

<sup>3</sup> A Lei Nº 5.196, de 24 de dezembro de 1966, instituiu o dia 9 de junho como data para a comemoração do ‘Dia de Anchieta’, prevendo a comemoração em escolas primárias e médias no Brasil, com palestras alusivas à sua vida e obra.

<sup>4</sup> A Portaria 158 de 12.03.1979 do Ministro Euro Brandão, Artigo 4, estipulava a necessidade de uma edição completa das obras de Anchieta, o que foi desenvolvido por Armando Cardoso ao longo de décadas.

Nascido a 19 de março de 1534 em São Cristóvão da Laguna, fez José na cidade natal seus primeiros estudos, cursando provavelmente as escolas dos padres dominicanos, não muito distantes de sua casa, ainda hoje existente, na Praça Maior, agora *del Adelantado*. Aos 14 anos, em 1548, foi enviado, em companhia de seu irmão mais velho por parte de mãe, Pedro Nuñez, depois sacerdote, a matricular-se no Colégio das Artes, anexo à Universidade de Coimbra e então reorganizado por Dom João III com excelentes professores. Diogo de Teive foi ali seu mestre principal (VIOTTI, 1980, p. 28).

Em 1998, o Congresso Internacional Anchieta em Coimbra - Colégio das Artes da Universidade (1548-1998) celebrou os 450 anos da estadia de José de Anchieta na cidade de Coimbra. Este congresso reuniu os maiores especialistas de Portugal e do Brasil sobre as obras de José de Anchieta, na época, com o tema da educação humanística. José de Anchieta permaneceu em Coimbra entre 1548 e 1553. Segundo Sebastião Tavares Pinho (2000, p. 19-20), o Colégio Real de Artes de Coimbra foi fundado segundo instituições e universidades similares da Europa, como o colégio trilingue de *Leuven*, o Colégio de Santa Bárbara de Paris, o Colégio de Guiena e o de *Bordeaux*.<sup>5</sup>

Em 1553, José de Anchieta chegou ao Brasil como missionário jesuíta. Inicialmente, Anchieta atuou como professor e catequista entre os nativos de São Vicente e de São Paulo de Piratininga. Em 1566, Anchieta é ordenado sacerdote, em seguida, torna-se, em 1570, reitor do Colégio Jesuíta no Rio de Janeiro. Em 1577 foi nomeado Provincial da Companhia de Jesus no Brasil (VIOTTI, 1980). Depois de dedicar sua vida inteira à conversão dos povos indígenas do Brasil ao cristianismo, Anchieta morreu em 1597, em Reritiba, na capitania do Espírito Santo.

Em 1553, José de Anchieta chegou ao Brasil como missionário jesuíta. Inicialmente, Anchieta atuou como professor e catequista entre os nativos de São Vicente e de São Paulo de Piratininga. Em 1566, Anchieta é ordenado sacerdote, em seguida, torna-se, em 1570, reitor do Colégio Jesuíta no Rio de Janeiro. Em 1577 foi nomeado Provincial da Companhia de Jesus no Brasil (VIOTTI, 1980, p. 179). Depois de dedicar sua vida inteira à conversão dos povos indígenas do Brasil ao cristianismo, Anchieta morreu em 1597, em Reritiba, na capitania do Espírito Santo.

<sup>5</sup> “Quando D. João III procedeu à reforma da Universidade Portuguesa e à sua transferência definitiva para Coimbra em 1537, instalando-a pouco depois nesta acrópole do Mondego onde nos encontramos, logo pensou em criar uma outra instituição pública de apoio à mesma Universidade com funções propedêuticas e complementares que, por um lado, melhor preparasse os candidatos para as quatro grandes faculdades dessa época e, por outro, concedesse a graduação superior destinada ao ensino das Letras. Assim surgiu o projecto do Colégio das Artes, baseado em instituições similares já existentes em outras cidades universitárias da Europa, como o Colégio trilingue de Lovaina, o Colégio de Santa Bárbara de Paris, o Colégio da Guiena de Bordéus e vários outros. O rei, que chegara a manter só naquele Colégio parisiense e à sombra da Universidade da Sorbonne dirigida pelo português Diogo de Gouveia, também director do mesmo Colégio, um quadro permanente de cinquenta bolseiros, - o rei português conhecia bem o valor científico e pedagógico de um estabelecimento de ensino daquele tipo” (PINHO, 2000, v. 1, p. 19-20).

Os primeiros textos a relatar a biografia de José de Anchieta foram escritos em época próxima à sua morte em 1597, datando do final do século XVI e início do século XVII. O jesuíta Quirício Caxa escreveu a obra ‘Breve relato da vida e morte do padre José de Anchieta’ em 1597, e outro jesuíta Pero Rodrigues escreveu: ‘Vida do Padre José de Anchieta’, entre 1605 e 1609. Finalmente, no século XVII, outra biografia foi publicada pelo jesuíta Simão de Vasconcelos: ‘Vida do venerável padre José de Anchieta’ em 1672.

Em 1617, o livro *Iosephi Anchietae Societatis Iesu sacerdotis in Brasilia defuncti vita* (Vida de José de Anchieta, sacerdote da Companhia de Jesus, falecido no Brasil) foi publicado por Sebastiano Beretari, com uma tradução das primeiras biografias de Anchieta para o latim. O processo de beatificação de Anchieta começou em 1624, em Roma. Em 1650, Anchieta recebeu o título de ‘Servo de Deus’. Em 1736, Anchieta recebeu o título de ‘Venerável’.<sup>6</sup> Anchieta foi beatificado em 1980 e, finalmente, canonizado em 2014. Atualmente, entre uma série de biografias, a obra Anchieta, Apóstolo do Brasil, publicada por Hélio Viotti, como um volume dos *Monumenta Anchieta*, destaca-se como texto fundamental para compreender a vida e as obras de Anchieta..

### 3. O POEMA ÉPICO *DE GESTIS MENDI DE SAA* (1563)

O poema épico *De Gestis Mendi de Saa* (Sobre os feitos de Mem de Sá) foi um dos textos escritos em latim renascentista por José de Anchieta. Pertence à tradição estética da escola portuguesa do humanismo renascentista, segundo Américo Ramalho (1999, p. 241-242). O texto é organizado em mais de três mil versos no total, tendo sido escrito e inspirado no padrão métrico do hexâmetro dactílico virgiliano, exceto por uma elegia introdutória, dedicada a Mem de Sá. Armando Cardoso editou modernamente o *De Gestis Mendi de Saa* três vezes: em 1958, 1970 e 1986.

O tema do poema épico são os primeiros anos do governo-geral de Mem de Sá (1500-1572) no Brasil, descrevendo os eventos mais importantes que ocorreram entre 1557 e 1560, como uma crônica historiográfica. Armando Cardoso dividiu o poema épico de Anchieta em quatro livros, o primeiro livro tem como tema central a batalha do rio Cricaré, entre portugueses e indígenas, que aconteceu na recém-

<sup>6</sup> “O processo de beatificação de Anchieta foi iniciado, oficialmente, em Roma, no ano de 1624; entre 1634 e 1647 houve a primeira paralisação do processo devido a mudanças na legislação canônica; em 1650, ele foi retomado, e Anchieta recebeu o título de ‘Servo de Deus’; entre 1668 e 1702, o processo foi interrompido pela segunda vez. Essa paralisação foi solicitada pela Ordem, provavelmente, pela falta de recursos financeiros decorrentes de problemas internos da Companhia de Jesus no Brasil. Em 1736, Anchieta recebeu o título de ‘Venerável’. Em 1773, devido à extinção da Companhia de Jesus, a causa da beatificação foi interrompida novamente, sendo retomada apenas em 1883” (FLECK, 2015, p. 342).

fundada capitania do Espírito Santo. Na narrativa, o jovem português Fernão de Sá, filho do governador, morre em combate e Anchieta descreve essa cena pelo tema e *tópos* da *pulchra mors* (bela morte), comparando o jovem português a Aquiles.

Já o segundo livro é uma narrativa dos feitos pessoais de Mem de Sá na Bahia, como governador-geral. O poeta narra o conflito e as discussões com o chefe indígena Cururupeba, em seguida, descreve como Mem de Sa impõe as mesmas leis aos indígenas e aos colonos portugueses. O poeta descreve, por fim, o início do projeto missionário jesuíta, a fundação de igrejas católicas e de missões indígenas. Em síntese, no segundo livro há a descrição da organização do governo-geral, do início efetivo da colonização e do processo missionário jesuítico.

No terceiro livro, Anchieta descreve a luta entre indígenas e Mem de Sá, na primeira expansão do projeto colonial, sendo a ‘guerra do Paraguaçu’ o tema inicial do livro. Quando esta guerra termina, Mem de Sá, os colonos e os indígenas conversos se preparam para uma guerra contra os Caetés, para vingar a morte do primeiro bispo do Brasil, D. Pedro Fernandes Sardinha, devorado em um ritual antropófago, após um naufrágio. Entretanto, esse combate não é narrado no livro, pois a presença de franceses na Baía de Guanabara obrigaria Mem de Sá a concentrar esforços para ocupar o território, o que é descrito na narrativa de Anchieta a seguir, no livro quarto do poema.

O quarto livro do poema épico é o mais complexo de todos. Nele, Anchieta narra a batalha pela expulsão dos franceses do Rio de Janeiro. A luta entre portugueses e franceses inclui indígenas como aliados de ambos os lados, enquanto os indígenas de São Vicente, principalmente, ajudaram os portugueses, alguns indígenas do Rio de Janeiro combateram ao lado dos franceses. Na obra, Anchieta descreve a captura do Forte Coligny, na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, pelos portugueses, o que marca o fim da tentativa de colonização francesa, chamada à época de França Antártica.

Existem duas fontes para o poema, a *editio princeps*, tipografada em 1563 em Coimbra, e o manuscrito de Algorta, provavelmente do século XVII. Em 1997, a Biblioteca Nacional Brasileira publicou uma edição fac-símile da *editio princeps*. Armando Cardoso utilizou o Manuscrito de Algorta para publicar a primeira edição moderna do poema em 1958, porque a *editio princeps* de Coimbra não era conhecida dos pesquisadores modernos até que Luís de Matos encontrou um exemplar no Arquivo Distrital de Évora, tendo publicado esta descoberta em 1954 (ANCHIETA, 1997, p. 16-17).

Armando Cardoso editou em 1970 o poema épico *De Gestis Mendi de Saa* com suas duas fontes, o ‘manuscrito de Algorta’ e a *editio princeps* de 1563. Após uma revisão, esta edição foi reimpressa em 1986, consistindo na edição atual mais importante do poema de Anchieta, a edição do texto latino de Anchieta por Cardoso é acrescida por uma tradução poética. O poema épico *De Gestis Mendi de Saa* é o primeiro volume dos *Monumenta Anchieta*.



Apresentamos um trecho do poema, a título de exemplificação do pensamento linguístico anchietano, com uma descrição do Rio de Janeiro, aproximadamente em 1560, entre os versos 2301 e 2320 (ANCHIETA, 1986, p. 194):

*Hinc procul, assiduis ubi turbidus imbribus Auster  
Verberat e terras, e saevi immania ponti  
Aequora, quo ferme emenso Sol peruenit anno  
Signa refulgenti lustrans caelestia curru,  
Arua tenent hospeda tumidos spectantia fluctus  
Neptuni, e multos secus arida litora pagos,  
Plurimaque occiduas Zephyri tendentia ad aedes  
Oppida per campos et silvas structa per high.  
Oi Lusitanos, quorum non oppida longe  
Dissita sunt, bellis irritant usque, dolosis  
Insidii homines capiunt, custode carentes  
Et populantur opes, vastantes ignibus agros,  
Plurima ac assiduo patrans funera Marte.  
Hos adeus Galli saevae commercia gentis  
Optantes, mutante merces, gladiisque coruscis  
Falcibus, atane hamis et multa forcipe, diros  
Demorcent Indorum animos, et rubra reportant  
Ligna, verecundo quae vestimenta colore  
Inficiunt, atque acre piper pictasque volucres  
Humanos et quae referunt animalia gestus.*

(Longe, onde o turbulento Austro, com frequentes chuvas, reverbera tanto as terras quanto as vastas águas do mar selvagem, onde, quase passado o ano, o sol chega, iluminando as estrelas celestes com seu carro reluzente, os inimigos têm campos que estão enfrentando as ondas úmidas de Netuno, e muitos assentamentos à beira de litorais áridos, e numerosas fortalezas que se estendem ao longo da morada ocidental de Zéfiro, construídas através desses campos e florestas densas. Estes sempre provocam os lusitanos, cujas fortalezas não foram disseminadas longe, por guerras voluntárias. Eles capturam homens com armadilhas, e devastam seus recursos privados de um protetor, destruindo os campos, os queimando, causando numerosos funerais, em contínuos combates. A estes se juntam aos franceses, que desejam fazer negócios com os povos selvagens. Trocam mercadorias, tanto por espadas e foices brilhantes, como por ganchos e muitas pinças, assim acalmam os terríveis temperamentos dos nativos, também adquirem troncos de pau-brasil, que pintam suas roupas com uma cor avermelhada, e a pimenta acre, também como pássaros e animais coloridos que imitam gestos humanos).

A composição de poemas em latim, na era da Renascença, foi um dos exercícios mais complexos para a educação linguística do humanismo. Nesse contexto, a emulação de autores clássicos foi uma prova de virtuosismo e domínio da língua latina, estando na base do pensamento linguístico da época que pressupunha um retorno às línguas clássicas. Assim, a composição do poema *De Gestis Mendi de Saa* pode ser entendida no contexto da educação humanista de Portugal no século XVI. Anchieta teve contato com esta tradi-

ção universitária ao estudar ainda adolescente no Real Colégio das Artes de Coimbra, como supracitado, já os jesuítas implantariam os mesmos princípios de educação liberal desenvolvidos em Portugal nos seus colégios fundados fora da Europa.

Este poema é o primeiro texto literário escrito no Brasil, que foi publicado em livro, em 1563, na tipografia da Universidade de Coimbra. É considerado também o primeiro poema da literatura escrito no Brasil a ser publicado como livro (MOUTINHO, 1999, p. 18). Para a composição do poema épico *De Gestis Mendi de Saa*, Anchieta inspirou-se, sobretudo, na ‘Eneida’ de Virgílio. Armando Cardoso exemplifica a emulação de Eneida por Anchieta nos comentários de várias passagens do *De Gestis Mendi de Saa* (ANCHIETA, 1986, p. 47-50).

#### 4. O POEMA ELEGÍACO *DE BEATA VIRGINE DEI MATRE MARIA*

O mais extenso poema elegíaco de Anchieta, *De Beata Virgine Dei Matre Maria*, é uma obra-prima da Literatura Brasileira no século XVI. Inspirado em Ovídio, esse extenso poema anchietano, escrito em latim, possui 5.788 versos, segundo a última edição de Armando Cardoso (ANCHIETA, 1980). O tema central do poema catequético é a vida da Virgem Maria. Já as fontes originais do poema de Anchieta *De Beata Virgínia Dei Matre Maria* são o ‘manuscrito de Algorta’ e o ‘manuscrito de Santiago do Chile’, provavelmente textos originários do século XVII. Além dessas fontes primárias, há também as edições de Simão de Vasconcelos, na ‘Crônica da Companhia de Jesus no Brasil’ (1663) e na ‘Vida do Venerável Padre José de Anchieta’ (1672), escritos em português. Através dessas fontes, Armando Cardoso editou o poema em sucessivas edições em 1940, 1954, 1960 e 1980.

O contexto de produção desse poema de Anchieta é muito interessante. Durante uma revolta indígena, que ficou conhecida como a ‘Confederação dos Tamoios’, em São Vicente, ocorrida entre 1554 e 1567, Anchieta tornou-se refém dos nativos, no ano de 1563. Segundo a tradição, ele começou a escrever os versos do poema nas areias da praia em *Ipé-roig*. Depois de liberto, quando a paz foi estabelecida com os indígenas, concluiu a composição do poema em latim, dedicado à Virgem Maria, por sobreviver ao episódio. Essa se tornaria uma de suas peças eruditas escritas com finalidade catequética.

A vida da Virgem Maria é narrada por Anchieta, a partir dos episódios dos ‘Evangélicos’ e da tradição dos Santos Padres que explicaram os ‘Evangélicos’. Anchieta narra o nascimento, a Imaculada Conceição da Virgem Maria, a Anunciação, a fuga para o Egito, o retorno a Israel, a paixão e a glória de Jesus e Maria. O poema foi dividido em doze cantos por Armando Cardoso. Esteticamente, o poema está ligado ao humanismo cristão, sendo um produto inicial da Literatura Brasileira, no período colonial, como supracitado (ANCHIETA, 1980, v. 2, p. 5-7).

Entre os versos 2449-2456 do poema, há a narração da noite em que Jesus Cristo nasceu, a noite de Natal. Pode-se notar a partir desse breve exemplo como ocorre a construção poética de *De Beata Virgínia Dei Matre Maria* em dísticos elegíacos:

*O nox, o cunctis speciosior una diebus!  
O nox, natalis pulchra decore noui!  
O nox, qua verae radiant clarissima lucis  
Lumina, Phoebeis splendidiora rotis!  
O nox, caligo qua pellitur atra, suosque  
Redditur immenso rebus in orbe color,  
Qua Deus egreditur puerili carne uolutus,  
Quem menses clausit Virginis arca nouem!*

(Ó noite, ó noite, mais bela do que todos os dias reunidos! Ó noite, linda pelo ornamento de um novo nascimento! Ó noite, na qual mais esplêndida que o carro de Febo, as faíscas cintilantes da verdadeira luz brilham! Noite, em que a escuridão é repelida, e a cor é restaurada no imenso orbe para as coisas, noite em que Deus surge em corpo de menino, Ele que por nove meses o ventre da Virgem encobriu).

As principais fontes cristãs que Anchieta usou para escrever o poema *De Beata Virgíne Dei Matre Maria* são a Bíblia, o breviário, o missal e a *Vita Christi* de Ludolfo da Saxônia. Em relação à cultura clássica, Anchieta teve como referência as obras de Ovídio e Virgílio, sendo anotadas por Armando Cardoso mais de cento e vinte referências às obras de Virgílio e mais de oitenta referências às obras de Ovídio (ANCHIETA, 1980, p. 56-60).

## 5. O CONJUNTO DE POEMAS *DE EUCHARISTIA ET ALIIS POEMATA VARIA*

Além do poema épico *De Gestis Mendi de Saa* e do poema elegíaco *De Beata Virgíne Dei Matre Maria*, Anchieta compôs outros poemas em latim de menor extensão. Essas outras obras foram reimpressas por Armando Cardoso sob o título *De Eucharistia et aliis poemata varia* (Poemas diversos sobre a Eucaristia e outros temas). Antes da edição dos *Monumenta Anchieta*, as obras completas de Anchieta, publicadas pelas edições Loyola, Armando Cardoso havia publicado pelo Arquivo Nacional os poemas *De Gestis Mendi de Saa* (ANCHIETA, 1958) e *De Beata Virgíne Dei Matre Maria* (ANCHIETA, 1940).

Os poemas em latim de menor extensão de Anchieta foram parcialmente publicados por Maria de Lourdes de Paula Martins em 1954 (ANCHIETA, 1989), em sua edição sobre a poesia atribuída a Anchieta. A edição de Maria de Lourdes registra os poemas em português, latim, espanhol e tupi compilados no códice ARSI (*Archivum Romanum Societatis Iesu*) opp. NN 24. A edição dos poemas menores de Anchieta em latim, organizados por Ar-

mando Cardoso, data de 1975, nessa edição, há poemas do ‘manuscrito de Algorta’ e o manuscrito do arquivo jesuítico, o códice ARSI opp. NN 24.

O conjunto de poemas denominado De Eucharistia é formado por seis textos: *O Deus Alme, Hostia quae placas, Te Deus Omnipotens, Sion Funde, Divinum Panem* e *Summe Pater*. Os títulos são retirados dos versos iniciais dos poemas. Ao todo, os poemas têm cerca de setecentos versos escritos em latim, com padrões métricos variados, dísticos elegíacos, ritmos medievais e hexâmetros. A segunda parte do livro contém outros poemas semelhantes em tema e forma. Compreende a segunda parte do livro: *Horae Immaculissimae Conceptionis Virginis Mariae, Purificatione Purissimae Virginis Mariae, De Maerore Virginis Mariae Puero Iesu remanente in Templum, De Beato Laurentio Martyre, De Beata Catharina Virgine e Martyre, De Assumptione Beatae Mariae* e *Epigrammata*.

Como exemplo dos poemas menores de Anchieta em latim, vejamos alguns versos extraídos da *Horae Immaculissimae Conceptionis Virginis Mariae* (ANCHIETA, 1975, p. 98):

*Ad Matutinum  
Temporis longi miseratus orbis  
Conditor fletum, senio gravatam  
Angelum summo solio polorum  
Mittit ad Annam.  
Ille: “Suprema paries senecta  
Filiam, dicit, superi Parentis  
Quae suo claudet genitum beato  
Viscere Verbum.  
Haec creaturas superabit omnes,  
Omnibus felix memoranda saeculis”.  
Nuntio gaudet Ioachim beatus,  
Certus eodem.  
Sente-se Patri, Nato decus et beato  
Flamini, et sanctae meriti Puellae,  
Quae carens omni macula creatur,  
Munus honoris!*

(O Criador do mundo, tendo misericórdia pelo longo tempo de lágrimas, envia um anjo, do alto trono dos céus, para Ana, agravada pela idade. Ele diz: “Você terá uma filha, na sua extrema velhice, uma filha que em seu ventre sagrado manterá a Palavra gerada, superará todas as criaturas. Abençoada deve ser lembrada por todas as idades, São Joaquim se regozija, determinado por esta anunciação. Glória ao Pai, ao Filho e ao Santo Espírito! E à Santíssima Virgem, merecida, que o Senhor libertou de toda corrupção, tributo de honra).

A inspiração dos poemas em latim de menor extensão de Anchieta é semelhante aos do poema elegíaco *De Beata Virgine Dei Matre Maria*. Em relação à métrica, há inspiração

nas odes de Horácio e nos padrões rítmicos medievais. Há paráfrases feitas por Anchieta sobre outros poemas medievais, como os de John Peckam, OFM e São Thomás de Aquino, bem como a influência de seus estudos humanísticos em Coimbra.

## 6. CONCLUSÃO

O pensamento linguístico de Anchieta está registrado nas suas obras, cuja principal fonte é a coleção publicada pelas edições Loyola, durante o século XX, os *Monumenta Anchieta-na*. Em grande parte, a coleção é resultado do trabalho filológico de Armando Cardoso com as fontes manuscritas e impressas dos séculos XVI e XVII. Entretanto, essa coleção de livros, com estudos sobre Anchieta, ainda não está concluída, e alguns volumes ainda não foram publicados. O padre jesuíta José de Anchieta foi um dos humanistas cristãos mais representativos do século XVI no Brasil, o primeiro gramático na América portuguesa e um dos fundadores da Literatura Brasileira. Foi aluno do Real Colégio das Artes de Coimbra em 1548, quando era adolescente, antes de vir para o Brasil em 1553, para acompanhar outros missionários jesuítas, tendo a sua educação humanística conimbricense influído no seu pensamento linguístico. Depois que veio para o Brasil, ele nunca mais retornou à Europa.

José de Anchieta escreveu textos literários, religiosos e históricos em quatro idiomas: latim, português, espanhol e tupi, a língua indígena mais utilizada nos primeiros tempos da colonização no Brasil. As obras de Anchieta, escritas em latim renascentista, são a principal fonte de reconhecimento da recepção da cultura clássica no Brasil do século XVI. O filólogo Armando Cardoso, SJ, que editou e traduziu as obras de Anchieta do latim para o português no século XX, foi um dos estudiosos mais importantes ao revelar os poemas de Anchieta aos leitores modernos. Ele trabalhou junto a outros estudiosos como José Zabala, Hélio Viotti, Murilo Moutinho, entre outros, que analisaram as fontes dos *Monumenta Anchieta-na*.

Debati nesse artigo o pensamento linguístico e a recepção da Cultura Clássica nos *Monumenta Anchieta-na*, descrevendo, historiograficamente, o trabalho filológico de Armando Cardoso com a poesia novilatina de Anchieta. Apresentei neste estudo uma visão geral das obras de Anchieta nas edições mais relevantes para os leitores contemporâneos. A pesquisa de Armando Cardoso com manuscritos, o processo de tradução e a organização dos *Monumenta Anchieta-na* constituiu-se como um trabalho filológico de décadas. No entanto, até hoje, a publicação dos *Monumenta Anchieta-na* ainda está inacabada.

José de Anchieta foi um dos primeiros professores de latim do Brasil. Além de obras poéticas, ele também escreveu cartas em latim, sendo a mais conhecida a *Epistola*

*quam plurimarum rerum naturalium, quae S. Vincentii (nunc S. Pauli) provinciam incolunt, sistens descriptionem*, escrita em 1560, e publicada em 1799 pela Academia de Ciências de Lisboa. Esta carta descreve a natureza de São Vicente, sua fauna e flora e inspira-se na obra *Historia Naturalis* de Plínio. Outra obra de Anchieta em prosa latina digna de relevo é a *Brasilica Societatis Historia et vita clarorum patrum qui in Brasilia vixerunt*, que descreve a biografia dos primeiros jesuítas no Brasil. A ‘Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil’, de 1595, possui metatermos de tradição gramatical latina, demonstrando que o pensamento linguístico de Anchieta sofria a influência da tradição gramatical renascentista.

As obras de Anchieta são um patrimônio da história e dos Estudos de Linguagem no Brasil, no início do século XVI, sendo a recepção da Cultura Clássica em suas obras um aspecto cultural do humanismo renascentista e da educação humanística, no contexto em que foi desenvolvido, pelos padres jesuítas, o projeto missionário inicial na América Latina. A partir da corrente de pensamento do humanismo renascentista português é possível analisar o pensamento linguístico anchietano.

## 7. AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade Federal Fluminense (UFF) e ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFF, que nos permitiram a participação no congresso ABRALIN50, facultando a realização da pesquisa.

Agradecemos, outrossim, à biblioteca do Museu Anchieta em São Paulo, que nos permitiu acesso ao acervo, ao Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, pelo acesso ao acervo específico e à Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, pelo acervo também disponibilizado.

## REFERÊNCIAS

- ANCHIETA, José de. *Textos históricos*. São Paulo: Loyola, 1989
- \_\_\_\_\_. *Poema da Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus*. São Paulo: Loyola, 1988, 2 v.
- \_\_\_\_\_. *Doutrina cristã*. São Paulo: Edições Loyola, 1992, 2 V.
- \_\_\_\_\_. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990
- \_\_\_\_\_. *Cartas: correspondência ativa e passiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1984.
- \_\_\_\_\_. *De Gestis Mendi de Saa. Poema dos feitos de Mem de Sá*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1958.
- \_\_\_\_\_. *De Gestis Mendi de Saa*. São Paulo: Loyola, 1970.

- \_\_\_\_\_. *De Gestis Mendi de Saa*. São Paulo: Loyola, 1986.
- \_\_\_\_\_. *De Gestis Mendi de Saa*. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca Nacional, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Poemas eucarísticos e outros*. São Paulo: Loyola, 1975
- \_\_\_\_\_. *Teatro de Anchieta*. São Paulo: Loyola, 1977
- \_\_\_\_\_. *Poesias. Edição por M. de L. de Paula Martins*. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.
- CAXA, Quirício. *Primeiras biografias de José de Anchieta*. São Paulo: Loyola, 1988
- FLECK, Eliane Cristina Deckman. "De Apóstolo do Brasil a santo: a consagração póstuma e a construção de uma memória sobre o padre jesuíta José de Anchieta (1534-1597)". *Locus: revista de história*, v. 21, n. 2, p. 339-364, 2015.
- KALTNER, Leonardo Ferreira. *Brasil e Renascença: uma cultura clássica na origem do Brasil*. Curitiba: Apris, 2011.
- PERES, Damião. *História dos descobrimentos portugueses*. Porto: Portucalense, 1943
- MOLINARI, Edison Lourenço. "Cristianização do mundo greco-romano em Anchieta". *Uniletras*, v. 14, p. 7-25, 1992.
- \_\_\_\_\_. "Latinização do mundo indígena em Anchieta". *Uniletras*, v. 19, p.101-107, 1997.
- MOUTINHO, Murillo. *Bibliografia para o IV centenário da morte do Beato José de Anchieta, 1597-1997*. São Paulo: Loyola, 1999.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. "O ensino de gramática latina, grega e hebraica no Colégio das Artes de Coimbra sem tempo de Anchieta". In: PINHO, Sebastião Tavares de. *Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra 1548-1598*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 2000, V. 1, p. 385-406.
- NÓBREGA, Manuel da. *Diálogo sobre a conversão do gentio. Preliminares, anotações e críticas de Serafim Leite*. Lisboa: Comissão do Quarto Centenário de São Paulo, 1954.
- PINHO, Sebastião Tavares de. *Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra 1548-1598*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 2000.
- RAMALHO, Américo da Costa. "Os Versos Latinos de Francisco de Sá e a autoria do poema *De Gestis Mendi de Saa*". *Humanitas*, v. 51, p. 241-250, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Estudos sobre a época do Renascimento*. Coimbra: Instituto de Alta Cultura, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Para a História do Humanismo em Portugal*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988, Vol. I.
- \_\_\_\_\_. *Para a História do Humanismo em Portugal*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, Vol. II.
- \_\_\_\_\_. *Para a História do Humanismo em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1998, Vol. III
- \_\_\_\_\_. *Para a História do Humanismo em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000, Vol. IV.
- \_\_\_\_\_. *Para a História do Humanismo em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, Vol. V.
- SWIGGERS, Pierre. "A Historiografia da Linguística: objeto, objetivos, organização". *Revista Confluência*, v. 44/45, p. 39-59, 2013.
- TANNUS, Carlos Antônio Kalil. "Um olhar sobre a literatura novilatina em Portugal". *Calliope*, v. 16, p. 13-31, 2007.
- VASCONCELOS, Simão de. *Vida do venerável Padre Anchieta (1623)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.
- VIOTTI, Hélio Abranches. *Anchieta - o Apóstolo do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1980.